

Economia de mercado: um modelo destruidor das práticas de reciprocidade e de solidariedade (o caso do povo axiluanda)¹

*Paulo Vica*²

Resumo:

O presente artigo surge como resposta e proposta face às mudanças verificadas na sociedade luandense, que têm estado a transformar o «homem social» no «homem económico» e com isso fragmentam e/ou destroem gradualmente os valores éticos e culturais desta sociedade. Foi nesta perspectiva que o artigo procurou fazer uma reflexão sobre os resultados de uma investigação realizada, analisando os efeitos do avanço negativo da economia de mercado sobre os valores de reciprocidade e de solidariedade ou de ajuda mútua, que outrora vigoravam na tradição originária do povo de Luanda, concretamente o povo da ilha de Luanda — axiluanda —, tendo-se verificado alterações «negativas» profundas sobre os valores éticos e culturais deste povo. Os resultados obtidos reforçam na urgência de apresentar medidas de carácter social, político e económico que visem travar o avanço negativo da economia de mercado, que nos últimos 26 anos tem estado a transformar as relações sociais e práticas culturais em actividades mercantis, face às dificuldades económicas e financeiras travadas por essa sociedade.

Palavras-chave: Economia de mercado; Reciprocidade; Solidariedade; Axiluanda.

Abstract:

The present article appears as a response and proposal to the changes verified in Luandan society that have been transforming the “social man” into the “economic man”, and with that they gradually fragment and / or destroy the ethical and cultural values of this society. It is in this perspective that the article sought to reflect on the results of an investigation carried out, analyzing the effects of the negative advance of the market economy on the values of reciprocity and solidarity or mutual aid, which once existed in the original tradition of the people of Luanda, specifically the people of

¹ Um trabalho de investigação científica realizada no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-2016) com o tema: «Reflexão sobre os efeitos da economia de mercado nas práticas de reciprocidade e de solidariedade do povo axiluanda.» O presente artigo alterou alguns tópicos do trabalho original, sem comprometer os resultados e a autenticidade da investigação do autor daquela investigação (Paulo Vica), tendo apenas como objectivo final servir de reflexão profunda e de incentivo as futuras investigações, nos mais variados problemas actuais da sociedade angolana, contribuindo deste modo com propostas eficazes e sustentáveis no contexto em que se vive.

² Consultor económico, investigador e docente universitário. Contacto: paulo.vica23@hotmail.com

the Island of Luanda — Axiluanda, with profound «negative» changes in the ethical and cultural values of these people. The results obtained reinforce the urgency of presenting measures of a social, political and economic nature that aim to halt the negative advance of the market economy, which for the past 26 years has been transforming social relations and cultural practices into market activities, in the face of difficulties economic and financial problems faced by that company.

Keywords: Market Economy; Reciprocity; Solidarity; Axiluanda.

Introdução

A luta do homem pela sobrevivência é bastante antiga. O ser humano sempre viveu em grupos (importa lembrar que não está em causa a dimensão do grupo, mas a vantagem resultante deste aglomerado) para garantir a preservação da sua espécie, bem como o estabelecimento de relações de natureza social, política, cultural e/ou económica. Mas, para tal, é preciso abstermo-nos dos interesses individuais em favor do coletivismo, para gerar mais harmonia, mais solidariedade e mais justiça. A luta do homem pela autonomia económica e financeira é cada vez maior, o que o torna mais individualista na conquista deste desígnio que proponho chamar «liberdade».

Nos últimos trinta anos, o mundo tem-se revelado incapaz de evitar sucessivas crises, seja políticas, económicas e/ou financeiras, sociais, culturais e ambientais, sem grandes distinções entre países (desenvolvidos e em desenvolvimento). Estas crises resultam na maioria das vezes do sentimento «egocêntrico do homem económico». O egocentrismo tem gerado consequências bastante complexas e profundas, tais como guerras, misérias, violência, corrupção, aumento da criminalidade, crise migratória, deterioração dos laços familiares, perda do altruísmo, assim como o desaparecimento de identidades culturais e de valores éticos profundos. Situações como estas têm sido as principais causas da desintegração dos laços familiares e de parentesco, interrompendo deste modo as relações sociais na vertente da reciprocidade e da solidariedade ou, se quisermos, de ajuda mútua. Presume-se que o aparecimento do homem económico resulta da evolução negativa que a economia e a sociedade de mercado têm vindo a assumir ao longo da (sua) história.

A economia de mercado tem sido fortemente criticada. Alguns críticos sugerem mesmo a adopção de um «novo modelo económico» na ânsia de reduzir a miséria e a degradação dos valores sociais e culturais, que alteram todo um conjunto de preceitos

que norteiam uma determinada comunidade. As suas propostas ou sugestões giram em torno dos valores sociais, culturais e éticos, que fomentam o altruísmo, podendo assim promover a substituição do «homem económico» pelo «homem social», fortalecendo os laços familiares e de parentesco. A reciprocidade e a solidariedade têm sido as bases que sustentam os seus argumentos, emprestando estes princípios às ciências económicas,³ como é o caso da «Outra Economia»³, que busca responder aos vários problemas que a economia de mercado tem provocado, transformando as relações sociais em relações mercantilistas.

Este artigo pretende chamar a atenção para a perda e inversão dos valores culturais que a sociedade luandense tem estado a viver nos últimos vinte seis anos, sobretudo aqueles que têm estado a transformar o «homem social no homem económico». Assim sendo, é nossa intenção contribuir com propostas, adaptadas à realidade angolana, que invertam o quadro caótico que a economia de mercado tem exercido sobre a sociedade em causa, especificamente no caso do povo axiluada.

1. Economia de mercado: um conceito utópico da realidade actual

Abordar o conceito de economia de mercado requer uma contextualização para uma melhor compreensão deste conceito no âmbito do pensamento económico, centrado sobretudo na visão de Adam Smith e seus seguidores, defensores do neoliberalismo, tais com Ludwing von Mises e Frederich August von Hayek.

O desenvolvimento da economia de mercado teve a sua fase embrionária nos finais do século XVI e princípio do XVIII com o mercantilismo europeu, abrindo caminho para a Revolução Industrial (séc. XVIII). Um dos traços do mercantilismo é o desenvolvimento do comércio de longa distância, que teve origem nos Descobrimentos e nas grandes conquistas no campo da navegação. A principal tese do mercantilismo consistia na acumulação da riqueza, sobretudo proveniente do exterior.

³ Ver artigo do mesmo autor com o tema: *Economia Solidária: será uma resposta resiliente às crises económicas e financeiras da contemporaneidade?*

Adam Smith é um dos criadores do conceito de mercantilismo e um dos seus mais fortes críticos. Smith opõe-lhe o sistema de liberdade natural e o liberalismo económico. Smith defende a tese de que a perseguição do interesse pessoal, assim como o fomento da liberdade económica, acabará também por conduzir a satisfação do interesse colectivo. Numa das mais famosas passagens da *Riqueza das Nações*, reforçava esta tese: «Não é da benevolência do açougueiro, cervejeiro ou do padeiro que esperamos o nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse.»⁴ A troca destes bens torna-o um mercador. Adam Smith ajuda-nos não só a compreender o conceito de uma sociedade comercial mas também o estímulo que move o homem para o fomento do comércio — o interesse próprio:«[...] todo homem subsiste por meio da troca, tornando-se de certo modo comerciante; e assim é que a própria sociedade se transforma naquilo que adequadamente se denomina sociedade comercial.»⁵

Talvez seja uma ideia precipitada de nossa parte dizer que o resultado da economia de mercado é antes de mais o de assegurar os interesses particulares. O seu conceito está implicitamente assente na ideia da existência de um bem ou serviço trocado no mercado.

Segundo Mises (1966), a «economia de mercado é um sistema social baseado na divisão do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção. Todos agem por conta própria; mas as acções de cada um procuram satisfazer tanto as suas necessidades como também as necessidades de outras pessoas. Ao agir todos servem seus concidadãos»⁶.

De acordo com a visão smithiana, quando os indivíduos são movidos pelos interesses particulares, acabam de certa forma por alcançar os interesses da nação, sobretudo na acumulação da riqueza nacional. Nesta perspectiva, podemos considerar mais uma contribuição do autor, relativamente ao estímulo da propriedade privada, como constituindo uma alavancagem para a economia: «Quando um trabalhador autónomo [...], possui mais capital do que o suficiente para comprar as matérias necessárias para o seu trabalho e para manter-se até vender o produto, naturalmente empregará um ou mais diaristas com o excedente [...]. O aumento da renda e do capital é o aumento da riqueza nacional.»⁷

4 Smith 1776, in Fritsch, 1996, p. 74.

5 Smith 1776, in Fritsch, 1996, p. 81.

6 Mises 1966 *apud* Regnery, 2010, p. 315.

7 Smith 1776, in Fritsch, 1996, p. 121.

A economia de mercado está, do nosso ponto de vista, na origem das desigualdades, uma vez que o interesse individual provoca sempre uma competitividade, e este gera no homem um sentimento individualista. Nada que o homem faça faz primeiramente em sua serventia.

A economia de mercado, conforme descrito nos parágrafos acima, é uma economia assente na propriedade privada; a sua deficiência está paralelamente ligada ao sentimento egoísta do homem. Smith (1776) defendeu sempre que a partir do interesse individual se criava o interesse da colectividade. Ou seja, para Smith o esforço uniforme, constante e ininterrupto de toda pessoa, no sentido de melhorar a sua condição, princípio do qual derivam originalmente tanto a riqueza nacional como a individual, é suficientemente poderoso para manter o curso natural das coisas em direcção à melhoria. Mal sabia Smith o curso que a economia de mercado tomaria nos nossos dias.

De acordo Mises (1966), a economia de mercado assenta na autonomia liberdade dos homens, onde o mercado por si só conduzirá o homem à melhor maneira de promover o seu próprio bem-estar, bem como o das demais pessoas. Para o autor, o mercado não é um local, uma coisa, uma entidade colectiva. O mercado é um processo, impulsionado pelas interacções dos vários indivíduos que cooperam sob o regime da divisão do trabalho.

Seguindo na mesma linha de pensamento sobre o mercado como o centro da satisfação do bem-estar colectivo por meio dos interesses individuais, recorremos também a Hayek (1979), que definiu o mercado como sendo o lugar de interesse recíproco⁸, onde não existem acordos quanto aos objectivos perseguidos por cada um, permitindo aos homens de diferentes valores e conceitos viverem em sintonia no que toca ao alcance de benefícios mútuos⁹. Hayek defende a ideia segundo a qual o mercado simplesmente concilia objectivos competitivos, servindo todos eles, mas sem garantir qual será atendido em primeiro lugar, pois neste sistema não deve existir uma única escala de valores¹⁰.

Para a economia ortodoxa, o mercado é o centro de convergência entre os actores económicos. A luta pela sobrevivência torna o indivíduo menos altruísta, mais violento, menos social, mais desconfiado, e com ele se perdem também os valores éticos e

8 Esta reciprocidade, que o autor aborda, é sempre baseada na óptica mercantil e monetária.

9 Hayek 1979, *in* Butler, 1987, p. 45

10 Hayek 1979, *in* Butler, 1987, p. 48.

culturais. Nesta ordem de pensamento, fica claro que a economia de mercado poderá não respeitar as essências culturais baseadas nos princípios de reciprocidade e de solidariedade ou de ajuda mútua.

2. Um conceito oposto ao de economia de mercado: reciprocidade e solidariedade ou ajuda mútua

O conceito de reciprocidade está muito marcado pelos contributos da antropologia e da sociologia. Mauss (1924) procura colocar a dádiva na origem da troca, mostrando que é oposta à troca mercantil. Mas demonstra, igualmente, através da sua formulação da tríplice obrigação de «dar, receber e retribuir», que é a reciprocidade que está no início dos ciclos da dádiva¹¹. No final da sua obra, Mauss (1924–1947) analisou a reciprocidade e as suas diferentes expressões. Deu-se conta da origem natural das estruturas de reciprocidade nas condições do parentesco original, em particular em termos de exogamia e de filiação, e estabeleceu a existência de formas de reciprocidade directas (estruturas binárias) e indirectas (estruturas ternárias)¹².

Lévi-Strauss (1950) introduz a obra de Mauss, tecendo críticas pelo facto de este não ter percebido que é a troca, e não um sistema qualquer de crenças indígenas, que constitui a estrutura subjacente às três obrigações de «dar, receber e retribuir». A sua crítica acentua-se na troca como a função simbólica a que Mauss não faz menção. Mas, associando aliança e parentesco à tripla obrigação de dar, receber e retribuir, Mauss traçou um programa que Lévi-Strauss retoma nas *Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), ordenando as relações de parentesco ao princípio da reciprocidade, conforme refere Sabourin (2011).

O princípio da reciprocidade baseia-se nos valores das relações sociais «humanas», sustentado pela confiança e permitindo a satisfação do bem-estar colectivo, e não visando a acumulação de riqueza sustentada pelo lucro, gerado nos mecanismos de uma economia de mercado.

Segundo Théry (2007), a expressão «solidariedade» é originária do latim, *in solidum* (um por todos). A mesma permite pensar a relação de obrigação em termos colectivos, mesmo na ausência de uma autorização expressa, enquanto no direito civil comum, habitualmente, só há o reconhecimento da obrigação individual¹³.

11 Mauss 1924, *in* Sabourin, 2011.

12 *Idem*.

13 Théry 2007, *in* Silva, 2001.

Para Vicente (1997), o termo solidariedade coloca-nos efectivamente perante duas formas distintas de solidariedade, co-presentes desde a origem das associações modernas e sobre as quais a Inglaterra e a França constituem dois casos emblemáticos.

Lewis (1997) espelha que, no Reino Unido, a caridade fora apreendida como princípio social, um elemento necessário para a sociedade democrática, contribuindo para a sua regulação pela via da moralidade e do envolvimento voluntário altruísta¹⁴. É com a preocupação de pensar o vínculo social moderno além do liberalismo que Pierre Leroux, em 1841, elabora a noção de solidariedade:

«A natureza não criou nenhum ser para si próprio [...] criou uns para os outros e colocou entre eles uma solidariedade recíproca.»¹⁵

Polanyi (1944), na sua introdução à obra *A Grande Transformação*, questiona as relações humanísticas, derivadas da Revolução Industrial, no século XVIII:

«Que “moinho satânico” triturou os homens, reduzindo-os à condição de massas? Qual a responsabilidade das novas condições materiais no processo? E qual a das imposições económicas que operam nas novas condições? Através de que mecanismo se destruía o tecido social anterior, ao mesmo tempo que as tentativas no sentido de uma integração do homem e da natureza tinham tão pouco sucesso?»¹⁶

As questões levantadas pelo autor mostrava quão profunda era a sua preocupação com os valores sociais incorporados nas relações humanas e que estavam a ser degoladas pelo «sistema económico de mercado». Polanyi tece duras críticas ao liberalismo económico, como uma analogia distorcida sobre os factos sociais de uma abordagem económica. As relações humanas entraram em degradação devido aos interesses individuais com o avanço da economia mercantil baseada nos conceitos do liberalismo. Polanyi refuta ainda da ideia de que o mercado seja o melhor mecanismo para

14 Lewis 1997, *in* Laville, 2001.

15 Leroux 1841, *in* Laville, 2001, p. 61.

16 Polanyi, 1944, p. 100.

restabelecer os interesses da sociedade quando este der lugar a interesses individuais.

3. O caso do povo axiluanda: os efeitos da economia de mercado sobre esta comunidade

Breve caracterização

Etimologicamente, a expressão «axiluanda» deriva da língua quimbundo, que significa «homens do mar», e é expressa na terceira pessoa do plural para representar um conjunto de pessoas que vivem do mar. Já no seu singular (terceira pessoa) é designada pela expressão «muxiluanda», derivada da língua kikongo, o que significa «filho do mar» ou ainda «ele é de Luanda».

As origens deste povo surgem, provavelmente¹⁷, no princípio do século I, com as imigrações do povo banto, no interior do território angolano. Com o evoluir do tempo, surge o reino do Congo, que, entre o final do século XIV e princípio do século XIX, viria ocupar toda a região do actual Congo Democrático até ao Sul de Luanda. Nesta região, conquistaram os povos que aí se encontravam e alargaram as fronteiras do seu império. O povo axiluanda é descendente deste povo, sendo o ocupante do território de Luanda. Foi este povo que os portugueses encontraram aquando da sua chegada, através do comandante e navegador Paulo Dias de Novais, em 1482, na baía de Loanda (antiga Luanda), e com ele estabeleceram os primeiros contactos amigáveis. O povo nativo de Luanda tem origem concretamente nos povos soyo (os bassolongo) e ngoio (povo de Cabinda); ao longo do tempo, estes criaram a sua própria identidade, que deu origem ao povo da ilha do Cabo/ilha de Luanda. Os axiluanda criaram uma identidade própria, baseada nas suas vestes, língua, culinária, formas de sustento, bem como nas características peculiares de suas danças¹⁸ e diversões.

Luanda, na sua extensão territorial, compreende duas grandes baías, que são designadas por ilhas, nomeadamente a ilha de Luanda, que também é designada por ilha do Cabo, e a ilha do Mussulo. Ambas foram habitadas pelos axiluanda, embora esta última tenha sido habitada posteriormente, em consequência da luta pela sobrevivência deste povo, nos anos mais recuados. A ilha de Luanda ocupa aproximadamente uma extensão

¹⁷ Existe alguma polémica entre os especialistas da história dos bantu em relação à data específica do início da sua imigração. Alguns autores dizem que começou no princípio do século I, e outros defendem que tenha começado no final do século III.

¹⁸ Representada por um grupo carnavalesco bastante carismático, União Mundo da Ilha, consagrada como campeã em mais de doze edições nas festividades do Carnaval ao nível da província de Luanda. O Carnaval é um dos pontos alto da riqueza cultural deste povo.

territorial de 6,38 km² e foi habitada durante vários séculos pelos povos oriundos do Norte de Angola, nomeadamente povos pertencentes ao reino do Congo e ao reino do Ndongo. Os axilunda habitavam na costa litoral de Luanda e ocupavam uma extensão territorial de aproximadamente 4 km², sendo o restante espaço de acesso proibido¹⁹. Esta restinga que denominamos por ilha de Luanda localiza-se no extremo oeste da baía de Luanda²⁰. De acordo com relatos dos seus munícipes, a ilha do Cabo está dividida (informalmente) em cinco zonas, a saber: Chicala, Praia de Banho, Lelo, Ponta e Salga.

Princípios de reciprocidade e de solidariedade ou de entreaajuda

O princípio da reciprocidade e de solidariedade são o epicentro na proposta da «outra economia» dando protagonismo ao colectivismo, em substituição do individualismo que outrora estruturava as comunidades, fortalecendo desta forma as acções de entreaajuda mediante a cooperação dos seus membros. Estes princípios de vida em comunidade fazem parte da cultura angolana (e africana), em particular do povo em estudo, sobretudo no meio rural, em actividades do tipo piscatório, agrícola e de pastorícia, pelo que nos apercebemos nos retratos históricos de alguns autores. Dilolwa (2000) afirma que, antes da chegada dos portugueses, Luanda já tinha o costume da partilha comunitária e de ajuda mútua: «Nos primeiros tempos todas as lavras pertenciam a todo o clã, todos trabalhavam, e o produto era dividido igualmente para todos.»²¹ As práticas de reciprocidade e de ajuda mútua constituíam valores culturais obrigatórios deste povo. Estes valores assentavam, principalmente, no seio familiar, que constituía a comunidade e servia de resposta nas mais variadas situações, como na luta pela sobrevivência, na protecção da comunidade e no fortalecimento dos laços de parentescos que os uniam. E o facto de serem comunidades familiares não descartava serventia aos membros de outras comunidades, quando estes batessem suas portas em busca de auxílio.

O avanço da economia de mercado: modernidade ou desalojamento dos axilunda

Com a implementação da economia de mercado no princípio da década de 90 do século XX, Luanda tomou outro rumo na sua história socioeconómica e cultural. O fomento de políticas económicas com vista a fortalecer o empresariado privado, como tecido forte da economia angolana, criou oportunidades para o aparecimento dos mais variados

19 No princípio do século XV, a ilha de Luanda fazia parte do reino do Congo, pertencia ao Manicongo (o mais alto cargo hierárquico do reino). Certos lugares da ilha eram de acesso proibido, porque algumas zonas constituíam reservas monetárias do rei, como o zimbo (conchas ou búzios do mar), que naquela altura eram considerados um meio monetário.

20 Gabriel, 2004

21 Dilolwa, 2000, p. 16.

empresários (nacionais e estrangeiros) com grande poder financeiro e forte influência perante as administrações do Governo local e não só.

A ilha de Luanda, assim como a ilha do Mussulo²², que outrora foram zonas onde habitavam os axiluanda, permitindo a estes viverem da pesca e do fabrico de alguns artefactos, estão a ser invadidas de forma acelerada pelos empresários, em função das suas belas praias de águas límpidas e de um areal branco esplêndido, que são bastante apreciadas pelos turistas. O movimento crescente do turismo nesta área estimulou os empresários a adquirirem parcelas de terra para o exercício da actividade comercial.

Devido à forte influência, bem como ao poder económico, que os empresários tinham, tornou-se fácil adquirir²³ parcelas de terra que eram cedidas, algumas vezes, pela Administração Comunal e outras (na maioria das vezes) por via dos seus proprietários originários — os autóctones —, embora de forma imposta. Desta forma, rapidamente a ilha de Luanda deu lugar ao aparecimento das grandes edificações, substituindo assim as residências típicas que eram características desta zona — casas de bambus e de pau-a-pique.

No princípio, os investimentos feitos na zona eram, sobretudo, na área da restauração, passando depois para os serviços de hotelaria. Hoje já são mais do que visíveis os vários investimentos no segmento imobiliário (quer do tipo residencial quer também em alguns escritórios), de forma gradual. A região é tão disputada entre os homens de negócio que se aliciam alguns nativos proprietários de residências ou simplesmente herdeiros de terrenos, chegando-se mesmo a usar o tráfico de influências de que dispõem. Nesta zona também se encontram as principais discotecas de Luanda, sendo o lugar favorito dos vários munícipes e turistas durante as quadras festivas. Infelizmente, situações como estas mudaram radicalmente a aparência e o estilo de vida dos seus habitantes. A ilha deu lugar ao aparecimento do cimento armado bruto que dá lugar as grandes edificações que requerem perfurações bastante profundas no solo para o assentamento das bases que o suportam. Alguns empresários desconhecem que devem ser feitos estudos de impacto do meio ambiental durante a construção destes edifícios. Em alguns círculos da cidade capital, o assunto assumiu outras dimensões relacionadas com o risco

22 A ilha do Mussulo viveu os mesmos problemas, provavelmente até piores do que a ilha de Luanda. É uma zona bastante apreciada pela prática comercial no ramo imobiliário, face o lazer turístico que a região oferece, tornando-se um ponto obrigatório para quase todos os que possuem fortuna, se quiserem obter residência nesta zona, com grandes mansões que dificilmente se vêem em nenhuma outra parte de Luanda. Aliciam-se os nativos para a venda de suas residências, que e rapidamente se aproveita o terreno para ali fazer nascer grandes impérios.

23 Chamo a atenção para que nem sempre foi por mútuo acordo, muitas das vezes tratava-se de aquisições por apropriação indevida.

que tem estado a provocar na plataforma continental e no ecossistema — este último já é notório com a escassez de peixe ao longo da sua costa marítima e o avanço das ondas no interior da ilha em algumas épocas do ano (noutros tempos), que teve que ser intervencionado pelo governo central.

O crescimento do betão armado que está sendo levado a cabo na zona provoca mudanças no ecossistema e desalojamento dos autóctones. Alguns são aliciados, e outros sofrem a pressão da miséria que hoje a zona lhes oferece, sobretudo quando se trata da pesca, que era a principal forma de sustento destas famílias e que fora herdada dos pais, passando de geração em geração.

Infelizmente, alguns axiluanda, que ao longo destes trinta anos resistiram a toda essas transformações, sentem-se hoje obrigados a abandonar a comunidade e a imigrar para partes incertas de Luanda. A situação neste perímetro, bem como noutras artérias da cidade capital, registou um abrandamento do avanço do concreto armado devido à crise que o país tem vindo a enfrentar nos últimos seis anos. Alguns buscam outras formas de sobrevivência, aprendem outros ofícios, como lavadores de carros, ou transformam-se em pequenos vendedores «ambulantes», também conhecidos pelo termo zungueiros. Outros, infelizmente, não têm a mesma sorte, acabando no mundo da delinquência.

A ideia dos empresários em transformarem a ilha numa zona nobre e de fortes oportunidades de negócio voltado para o turismo (e não só) é cada vez maior, sem antes avaliarem as possíveis consequências, resultantes da desintegração sociocultural dos povos que aí residem, movidos por um desalojamento imposto.

É do conhecimento dos nossos actores²⁴ que a ilha realmente tem estado a expandir-se em todas as suas dimensões, mas a um preço bastante alto, quando este crescimento implica necessariamente o afastamento dos seus habitantes para outras partes de Luanda, mudando todo um conjunto de preceitos culturais.

Alteração das práticas de reciprocidade e de solidariedade do povo axiluanda

Perante as dificuldades vivenciadas por este povo de Luanda ao longo destes vinte e seis anos, torna-se quase impossível que estas não abalem qualquer realidade cultural. Luanda, no seu todo, é a província angolana que mais sinais revelou de alterações da

24 Refere-se aos entrevistados, que permitiram atingir os objectivos da investigação da versão original desta pesquisa.

sua identidade cultural — presume-se que seja pelo facto de ser a província que mais influência tem da economia de mercado, por ser a capital económica e financeira do país.

Hoje a ilha de Luanda transformou-se numa comunidade heterogénea, devido ao forte movimento migratório que se registou na década de 90 e que ainda é visível. Com o agravamento das condições económicas e sociais, já referido, alterou-se toda a base cultural deste povo, quer na sua forma hospitaleira, quer no seu modo de sustento. Os axilunda sofreram negativamente com o avanço da economia do mercado. A luta pela sobrevivência das famílias tornou este povo (na sua generalidade) menos altruísta e mais desconfiado, uma vez que impera o individualismo, no seu dia-a-dia.

Para o historiador Dr. Mbunga, são os jovens os principais lesados com esta situação porque infelizmente não puderam conviver com antiga realidade cultural dos avós. Mas também garante que esta situação se alterou fruto das condições económicas, que têm exigido cada vez mais dos seus habitantes na luta pela sobrevivência.

«A desintegração dos valores culturais surge em função das dificuldades da vida, e os jovens são os principais lesados, mergulham no mundo do álcool e com ele surgem outros problemas de dimensão social [...]. A questão que hoje se vive, da falta de solidariedade, centra-se na dificuldade financeira que hoje vivemos e na desconfiança que se tem uns para com os outros, quando se trata em albergar o necessitado em nossa residência. [...] hoje as ajudas estão sendo feitas por interesses materiais, o que é frequentemente denominado de favores comprados.»²⁵

A partilha comunitária é hoje apenas um dado histórico; as relações sociais estão sendo degoladas pelas relações económicas, como acontece no caso do alambamento, o praticado ontem em relação ao de hoje. Trata-se de uma perda considerável da identidade cultural quando transformam o alambamento num acto comercial, onde a família da noiva faz questão de determinar um valor monetário ao futuro noivo e listar os bens²⁶ que o mesmo deve apresentar (é uma situação que tem vindo a ganhar grande aceitação entre algumas famílias, sobretudo as que se encontram em zonas rurais). A anciã Mamã Kuiba lamenta esta inversão da prática que outrora era bastante valorizada

25 Resultado da entrevista concedida pelo historiador Dr. Mbunga (2016).

26 Existem alguns bens de praxe cultural, mas em pequenas quantidades, servindo apenas como acto simbólico para a cerimónia, o que difere em proporções e marcas (internacionais), sobretudo na vertente das bebidas e da roupa a ser entregue aos pais da noiva, nos dias de hoje.

e de grande importância cultural, a qual integrou os interesses pessoais ou económicos.

«Hoje, infelizmente, os bens a serem solicitados para este cerimonial passaram para uma componente comercial. Algumas famílias, para a realização do matrimónio de suas filhas, têm estado a solicitar bens de grandes valores económicos, tais como: terreno, gerador eléctrico, fios de ouro e outros bens. Isto são coisas que outrora não se pedia e jamais se pensava, porque se tinha ética, e educação cultural. Estes actos desvirtuam o conceito de alambamento. O que se assiste hoje é uma pura vergonha, são famílias que indirectamente tornam as suas filhas em mercadorias.»²⁷

Como já referimos, e aqui também com confirmação dos nossos entrevistados, a questão da fragilização e da decapitação destes valores assenta, sobretudo, na dificuldade económica que as famílias têm estado atravessar. O emprego informal constituía a sua principal garantia de sobrevivência. Hoje esta garantia é cada vez mais incerta. A influência do desemprego no princípio de reciprocidade e solidariedade.

Com o agravamento da situação económica, aumentou o desemprego, o que originou a deterioração das condições sociais. As famílias ficaram totalmente desestruturadas: em tempos idos, o chefe da família era o pai, e somente a ele se confiava o sustento (por via da pesca) da família, enquanto a mãe, embora sendo doméstica, exercia um papel de extrema importância na comunidade, o da transmissão dos valores culturais aos filhos, preservando deste modo a continuidade destes valores.

Actualmente, a realidade tem sido outra: as mulheres deixam o papel de donas de casa, face às novas exigências impostas mediante o avanço da economia de mercado, que as obrigam a exercer algumas actividades comerciais, embora do tipo informal, como alternativas de sobrevivência. O desemprego foi uma variável que influenciou a ruptura das práticas de reciprocidade e de ajuda mútua ou de solidariedade. A dificuldade económica, com reflexos na qualidade de vida deste povo, sobretudo na luta pela sobrevivência, constituiu a principal condição imposta a esta comunidade, nas mudanças bruscas de estilo de vida. De acordo com o reverendo Samuel Mambo, o desemprego é a principal causa da dificuldade e da perda de valores de reciprocidade e de ajuda mútua do tipo solidário:

²⁷ Resultado da entrevista concedida pela Mamã Kuiba, uma anciã e referência nos valores tradicionais e da culinária luandense.

«Actualmente a grande dificuldade que se vive é a falta de emprego, afectando principalmente os jovens. O desemprego desestrutura as famílias [...] e arrasta os jovens para a prática da criminalidade ou para outros maus caminhos. Esta situação afecta também os pais, porque ter um filho já adulto e apto para trabalhar e não ter emprego é uma situação bastante difícil, é como se semeasse e não se colhesse. Infelizmente, este aperto que as famílias vivem tem tornado cada vez mais difícil o apoio entre as pessoas. As famílias tornam-se incapazes de poderem entreatujadar-se, e olha que a situação é quase generalizada para muitas famílias, estão todas a passar por essa dificuldade. Os empregos, informais, que outrora serviam de sustento para a maior parte das famílias, estão também cada vez mais difíceis de se ter [...]. A miséria é sem sombra de dúvida a pior destruidora das relações sociais baseadas no amor ao próximo, dando lugar ao egoísmo e à insensibilidade.»²⁸

Esta situação também é (re)conhecida por alguns empresários da região, mesmo perante os vários investimentos que estão sendo feitos na região, sobretudo na área da restauração. O desemprego continua a fustigar os axiluanas por várias situações menos boas de ordem social e cultural, como narra o empresário e gerente Sr. Itamar:

«Infelizmente, os vários postos de trabalho que aqui são gerados são captados por outras pessoas não residentes da zona, devido a uma série de factores, que posso mencionar: o povo da ilha, concretamente os axiluanas, não têm experiência nas áreas solicitadas, muitos infelizmente não terminaram o ensino básico [...], é o que constato; e alguns empresários preferem contratar pessoas de outras partes de Luanda, quer sejam nacionais ou expatriados. Não tenho nada contra, mas é preciso que se ponha fim a isso. Eu sei que não estou isento da minha culpa. Em causa também está que muitos deles viviam da pesca, é a única coisa que sabem fazer. [...] quem sabe talvez poderíamos aproveitar essa sua profissão e fazer aqui um acasalamento ou trocas comerciais, eles nos forneciam o peixe, e nós o dinheiro, mas, até onde eu sei, eles não têm embarcações de pesca, e a pesca, porque hoje está difícil de ser feita cá, é só observar ao longo da costa e vai poder ver os grandes petroleiros atracados e outros tipos de embarcações de pescas industriais [...]. é tudo uma questão de negócio e retorno do capital. E ainda existe um mal maior com este povo, é o da

28 Resultado obtido através da entrevista concedida ao reverendo Samuel Mambo (2016).

discriminação, sobretudo o pessoal da gerência. Julgam-nos como ladrões, devido aos vários roubos e furtos que têm ocorrido cá [...]. É claro que não é o caminho ideal, caso se confirme que estes furtos ou roubos estão sendo perpetrados por eles, e nós em certa parte seremos os culpados.»²⁹

O desemprego é uma componente económica com reflexos sociais, podendo também afectar os valores culturais e éticos, pelo que nos apercebemos durante a entrevista concedida pelos actores: «antigamente a família era unida, todos partilhavam, mas a partir de um certo momento essa situação inverteu-se [...] o desemprego é um mal que precisa ser erradicado.»³⁰

A questão da reciprocidade e da solidariedade deste povo está sendo fortemente abalada devido à sua situação económica e financeira. A pobreza continua a fazer parte da sua história, se compararmos o seu passado e o presente. Mas a verdade é que no passado sempre existiu a união, porque esta união estava imbuída no espírito de reciprocidade e de ajuda mútua. Em função das várias possibilidades que tinham de garantir o seu sustento, viviam do que produziam. Assim, foi sempre possível manter o espírito da reciprocidade e da solidariedade. Infelizmente, hoje não se tem essa garantia; o emprego informal, que sempre foi uma sua solução, está cada vez mais difícil de ser exercido face às incertezas das flutuações económicas do mercado. As coisas estão cada vez mais difíceis para todos, e isso torna quase impossível imperar o sentimento de apoio entre as pessoas.

O duplo movimento do mercado informal face o avanço da economia de mercado sobre a sociedade luandense

A luta pela sobrevivência remeteu os luandenses, na sua generalidade, para a procura de alternativas para se protegerem e garantirem a integridade social de suas famílias. E a melhor forma que este povo (e não só) encontrou é a integração do mercado informal no seu dia-a-dia. O exercício desta prática não é fácil, pois no seu dia-a-dia deparam-se com vários constrangimentos como a falta de capital inicial, o policiamento dos fiscais e os riscos de assalto por parte dos «amigos do alheio». Como tal, e neste contexto, o povo tem vindo a resgatar algumas práticas de reciprocidades e de ajuda mútua, adaptada ao contexto da nova realidade. Esta acção tem estado a dar lugar a cooperação

29 Resultado obtido através da entrevista concedida ao Sr. Itamar, empresário e gerente de um dos restaurantes localizado na ilha de Luanda (2016).

30 Resultado da entrevista concedida pelo padre António Barbosa, 2016

e a protecção dos seus membros, o que caracterizamos como sendo um duplo movimento do mercado informal: se, por um lado, a pressão da economia de mercado remeteu este povo a adoptar comportamentos anticulturais, imperando o individualismo, por outro lado, face à carência, o povo, através do mercado informal, recuperou o sentimento de partilha e de ajuda mútua, para fazer frente a esta situação de forma colectiva.

Segundo Costa e Rodrigues (2002), as actividades económicas informais são praticadas em grupos familiares ou de parentescos próximos, servindo este de suporte e de garantia na luta pela sobrevivência dos mesmos, criando deste modo um círculo de ajuda mútua ou de solidariedade entre os integrantes. Com base nestas observações, podemos constatar que foram (re)surgindo precisamente na década de 90 algumas práticas informais. São práticas revestidas dos sentimentos de reciprocidade e de solidariedade, sentimentos que se encontravam esquecidos, tornando as famílias mais individualistas e egocêntricas diante das dificuldades da vida. Estas práticas (re)adaptadas (re)surgem como resposta aos novos imperativos impostos pelo mercado e sobretudo nas famílias ou parentes, como é o caso da kixiquila³¹. Na opinião dos actores, como o soba Miguelito e a anciã Mamã Kuiba, a kixiquila é uma prática que tem ajudado até hoje muitas famílias que vivem no aperto financeiro e também torna as relações sociais mais próximas porque começam a ressurgir novamente o sentimento da confiança e da ajuda mútua. O povo apercebeu-se de que não existe forma alguma de fazer frente as dificuldades da vida de modo isolado ou individual, apenas em grupo ou de forma colectiva. E a kixiquila tem reunido consenso nessa matéria. Porém, é uma prática que é somente feita dentro dos círculos próximos de cada um, com colegas de trabalho, familiares e até amigos ou mesmo vizinhos. Tal como a kixiquila, existe outra prática que envolve o sentimento da solidariedade, embora hoje o seu exercício o torne bastante difícil (ilegal)³². Trata-se do trabalho realizada pelas kínquilas, que consiste em cambiar divisas, sobretudo o dólar na moeda nacional ou vice-versa. Impera um sentimento de altruísmo nos seus praticantes³³, podendo sempre incluir-se mais alguém nesta actividade, emprestando uma nota de cem dólares ao novo integrante, que neste caso pode ser seu familiar ou parente e que pretende exercer essa actividade, mas que não

31 «É uma forma de ajuda mútua de carácter rotativo entre os membros da comunidade, baseada num adiantamento monetário, um empréstimo financeiro sem a existência de juros. Serve para cobrir determinadas situações ou ainda como capital inicial para o início de um negócio que por si só não era possível de ser realizado. A kixiquila pode ser tanto realizada por homens como pelas mulheres, embora com maior vigência entre as mulheres, devido a sua natureza de mãe, é uma gestora nata do lar» (Soba, Miguelito, 2016).

32 Hoje, devido à crise no país e à escassez de divisas no mercado, assim como as implicações do aumento da inflação, o BNA tem estado a accionar mecanismos de controlo e de punição para os cidadãos que exercem a troca de divisas no mercado informal.

33 É mais praticada pelas mulheres, daí a terminologia kinquila, que surgiu primeiro no género feminino.

tem o capital inicial. Esta trabalha com a nota (o valor) que lhe foi cedida e apenas restitui o capital inicial, os lucros ficam em sua posse para poder sobreviver e, mais tarde, adquirir também a sua nota através dos lucros.

Propostas para o resgate e conservação dos valores éticos e culturais (reciprocidade e solidariedade) do povo luandense

É um facto que Luanda enfrenta problemas culturais (e não só) bastante complexos. Os valores culturais e éticos que outrora serviam de pilares para manter uma família unida estão a degradar-se e a desaparecer, sobretudo aqueles que envolvem o sentimento ou práticas altruístas. A perda da reciprocidade e da ajuda mútua começou a ser sentida a partir da década de 90 devido às mudanças rápidas que foram acontecendo por todo país, concretamente na área da economia (com a adopção da economia de mercado), assim como pelas várias fases de instabilidade política que Angola viveu. A perda dos valores tradicionais e éticos, assim como o agravamento das condições socioeconómicas, tornaram a província num local de convivência difícil, sendo os dois primeiros elementos os responsáveis pela discriminação que Luanda tem sofrido por parte dos povos de outras províncias. É neste contexto que é necessário apresentar propostas de resgate e de preservação destes valores porque um povo sem cultura é um povo sem identidade. É preciso que o governo, as instituições empresárias, a sociedade civil e em particular as igrejas, criem mecanismos (políticas) que visem proteger os valores em causa, sobretudo os baseados nas formas de ajuda mútua e de reciprocidade, para que Luanda venha novamente a ser uma província hospitaleira (em sentido lato) e se torne num lugar melhor para se viver. Mas, para que isso seja possível, é necessário antes de mais que participem todos os elementos estruturais que compõem a província, para uma reflexão dos efeitos da economia de mercado, onde cada membro ou instituição possa identificar as principais rupturas que estão na base da desintegração destes valores e possam de forma conjunta apresentar soluções.

Segundo os nossos entrevistados, de forma geral, reconhece-se que a solução não é tão fácil assim, devido à situação profunda e caótica que Luanda vive nos dias de hoje, mas vale sempre a pena começar. Indicam que a solução passa necessariamente por uma alteração profunda do funcionamento e da composição dos pilares económicos e financeiros do país, devendo ser dado mais espaço às acções sociais. Importa salientar que estas acções não devem ser confundidas com acções que tornam o indivíduo num passivo (acções de doações, actos que humilhem o indivíduo), mas que transformem o indivíduo em agente activo (fomento de emprego, turismo solidário, cozinha

comunitária, banco de horas, hortas comunitárias, etc., etc.), que promovam o auto-sustento.

Seguindo nesta mesma linha de pensamento, sugerimos ou indicamos uma série de propostas que promovam debates sérios e profundos, que possam contribuir para o fortalecimento das mesmas, em academias, círculos políticos, igrejas e nas famílias, para a preservação da cultura local e dos valores éticos, assim como a criação de instrumentos que visem melhorar a qualidade de vida das famílias. É preciso que as famílias e escolas assumam novamente o pilar estrutural da educação e da transmissão dos valores culturais. As escolas devem implementar disciplinas de socialização da cultura local, com o propósito de estimular na criança (em tenra idade) os valores tradicionais, embora não seja fácil devido às várias etnias que hoje podemos encontrar em Luanda; quanto ao Governo local, especificamente, deve propor um conjunto de políticas económicas que possam harmonizar os investimentos locais com os valores tradicionais das zonas, assim como criar mecanismos (projectos) que promovam maior inclusão dos povos (locais) nos investimentos que sejam feitos na região que circunscreve. Devem estabelecer parcerias internas e externas para atracção de investimentos privados, em zonas históricas, bem como parcerias com as instituições financeiras estrangeiras com experiências na área de financiamento de projectos sociais e solidários e que estes projectos (auto-)sustentáveis sejam capazes de fomentar acções de combate ao desemprego, ao desrespeito pelo meio ambiente e a revitalização de actividades culturais das comunidades. Relativamente às igrejas, devem reforçar a educação do homem social e o conceito da partilha, e não a «doutrina da prosperidade» apenas.

Considerações finais

A economia de mercado tem sido considerada como o modelo económico que mais garantias oferece ao desenvolvimento de uma nação. Mas é também vista como o modelo que mais exclusão social provoca, envolvendo o desrespeito para com a cultura, o ambiente e a distorção dos valores éticos.

Smith (1776) acreditava na empatia que os indivíduos possuíam uns em relação aos outros, podendo estes trabalhar de forma interligada e em função da dependência que teriam uns para com os outros no exercício de suas actividades. Infelizmente, não foi o que se verificou ao longo da história. O «homem económico» e o seu *habitat*, o mercado, não são os principais garantes de soluções para os vários problemas económicos, conforme defendiam também Mises e Hayek.

Ao longo do tempo, vários autores teceram duras críticas sobre o funcionamento da economia de mercado. Polanyi (1944) apresentou uma reflexão profunda sobre a economia e a sociedade de mercado. O autor elucida que é possível existirem relações económicas sem estas serem meramente mercantis.

A investigação desenvolvida tentou encontrar uma resposta para o desaparecimento das práticas deste povo e, sendo evidente a preocupação que muito aflige Luanda, procurou soluções para resgatar e conservar os valores de reciprocidade e da ajuda mútua da cultura axiluanda no contexto de mercantilização crescente da província de Luanda.

É uma constatação da sociedade angolana que Luanda, desde os anos 90, tem estado a perder a sua identidade cultural e valores éticos. Durante a nossa pesquisa, foi possível identificar, a partir do trabalho de campo, as razões desta perda de identidade, bem como dos valores da reciprocidade e da ajuda mútua dentro da comunidade axiluanda. Estas razões assentam, fundamentalmente, na forma e na situação como foi adoptada ou implementada a economia de mercado num país que saía de uma fatídica guerrilha, com uma situação social bastante deprimente e uma economia (herdada do anterior sistema económico) bastante deficitária, assim como na vertigem dos empresários em enriquecerem e no efeito da globalização, cujas bases culturais estavam já enfraquecidas. Todos estes factores contribuíram para o agravamento da pobreza de milhares de famílias. A corrupção foi também outra componente do agravamento das condições socioeconómicas do país na sua generalidade, com reflexos imediatos para as comunidades locais, o que piorou as condições de saneamento básico, de mobilidade, a insuficiência de postos de saúde e o desemprego. As famílias ficaram totalmente desestruturadas e algumas até mesmo desmembradas, o que deu lugar à interrupção da transmissão dos valores éticos e culturais.

Durante a pesquisa notámos que a situação do povo em estudo, os axiluanda, não foi diferente, tendo sido igualmente possível identificar a influência que o mercado exerce sobre os princípios de reciprocidade e de ajuda mútua. A perda destes valores assenta, sobretudo, na dificuldade de sustento face à invasão de actividades comerciais (no ramo da restauração e hoteleiro, assim como na área imobiliária) que vêm sendo praticadas na ilha de Luanda, retirando os axiluanda da sua zona de origem e do acesso ao exercício da pesca, que constituía a sua principal fonte de rendimento.

A luta pela sobrevivência torna as relações sociais e culturais bastante fracas, como foi

realçado no decorrer do artigo. O mercado informal, que outrora foi uma solução, não tem nos últimos anos conseguido dar garantias suficientes para manter as famílias ou a comunidade. Também foi possível constatar que algumas práticas culturais foram invertidas, convertendo-se em práticas mercantis, como referido pelos nossos actores, devido ao imperativo das dificuldades que se verificam e que põem em causa os valores da reciprocidade e da solidariedade.

A pesquisa constatou também que, apesar da situação caótica que a comunidade está enfrentando, esta criou respostas alternativas para solidificar as relações sociais baseadas nas práticas culturais, fazendo ressurgir o princípio da reciprocidade e da solidariedade ou de ajuda mútua através da kixiquila, assim como da actividade de kinquila, fazendo frente às dificuldades de sustento das famílias.

Bibliografia.

BUTLER, Eamonn (1987). *A Contribuição de Hayek às Ideias Políticas I: Economias de Nosso Tempo*, Rio de Janeiro, Editora Nórdica, Lda.

COSTA, Ana Bérnard; RODRIGUES, Cristina Udelsmann (2002). «Estratégias de Sobrevivência das Famílias em Luanda e Maputo», pp. 113–122. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6331> Consultado a 16/06/2016.

DILOLWA, Carlos Rocha (2000). *Contribuição à História Económica de Angola*, 2.^a edição.

FRITSCH, Wiston (1996). *Os Economistas — A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e causas*. Volume I e II. Editora Nova Cultural, Lda. Lisboa.

GABRIEL, José (2004). «A Influência do Mar na Cultura da População de Luanda». pp. 422–427. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/135176027/A-influencia-do-mar-na-cultura-da-populacao-de-Luanda#> Consultado a 08/02/2016.

LAVILLE, Jean-Louis (2001). «Economia Solidária, a Perspectiva Europeia. Sociedade e Estado», vol. XVI, n.º 1-2, pp. 57–99.

POLANYI, Karl (1944). *A Grande Transformação*. [e-book], Lisboa, Editora 70. Disponível: <http://lelivros.website/book/baixar-livro-a-grande-transformacao-karl-polanyi-em-pdf-epub-e-mobi/> Consultado a 17/01/2016.

REGNERY, Henry (2010) *Ação Humana — Um Trato de Economia*, São Paulo, Editora, Instituto Ludwig Von Mises Brasil. 3. 1.^a Edição.

SABORIUN, Eric (2011). «Teoria da Reciprocidade e Socioantropologia do Desenvolvimento», Dossiê, Porto Alegre, 2013, ano 13, n.º 27.

SILVA, Gustavo Madeiro da (2011). «Solidariedade (ainda) é um conceito central na sociologia (das organizações)? Mudanças conceituais e a questão do desenvolvimento». Artigo publicado XXXV da ANPAD, Rio de Janeiro.